

## Medo na casa de vidro: Zillah, paranóia e as cartas para o presidente

Doutoranda Vanessa Cianconi Vianna Nogueira<sup>i</sup>

### Resumo:

*Considerada a mais Brechtiana de todas as peças de Tony Kushner, A Bright Room Called Day é supostamente sobre a morbidez e o misticismo em face da maldade política. Mas é, em grande medida, uma manifestação do tipo de reação que ela busca descrever – uma ligação entre o passado e o presente. O que enerva Zillah Katz é a alienação do povo estadunidense, é a falta de conhecimento que leva a falta de esperança: se não há compreensão não pode existir comprometimento. Será que a maldade perpetrada pelo governo norte-americano já está tão banalizada que o povo considera que não vale a pena se rebelar? Ou simplesmente sentem medo? O objetivo deste ensaio é elucidar a política de paranóia contida nas cartas de Zillah imbuída na indústria do consentimento de Noam Chomsky, mostrando como a propaganda transforma o ataque terrorista em um perigo iminente incutido nas mentes do estadunidense.*

**Palavras-chave:** EUA, política, casa de vidro, teatro, Tony Kushner.

*A Bright Room Called Day* – inspirada em *Terror e miséria do Terceiro Reich* de Bertolt Brecht - é supostamente sobre a morbidez e o misticismo em face da maldade política. Mas é, em grande medida, uma manifestação do tipo de reação que ela busca descrever – uma ligação entre o passado e o presente. A peça é quase um sinal de incêndio, como uma forma de entender o presente usando o passado, muitas vezes sombrio, como exemplo para evitar o que é iminente<sup>1</sup>, fazendo o que Benjamin já não mais acreditava que seria possível. No entanto, para o dramaturgo, o passado somente serve, contrariamente à esperança de Benjamin, para reiterar os erros e confirmar o fato de eles serem repetidos inúmeras vezes sem qualquer pudor.

*A Bright Room Called Day* trata de um grupo de artistas que passa os dias conversando a respeito da política germânica. O texto é ambientado durante os anos de 1930, na época da Era Weimar (dois anos antes de Hitler ser eleito), no apartamento de Agnes Eggling, um apartamento pequeno do século XIX, em uma parte pobre de Berlim. Ao longo da peça essa conversa sofre um deslocamento temporal, representado pelo conjunto de cartas para o então presidente dos EUA: Ronald Reagan. Quem as escreve é Zillah Katz, uma mulher judia e paranóica da década de 80, que mora no West Village, em Nova York. Segundo Kushner, deve existir, idealmente, uma contínua renovação das especificidades da política de paranóia de Zillah, de acordo com qualquer tipo de violência que esteja sendo perpetrada na época da encenação da peça; ou seja, o conteúdo das cartas de Zillah podem mudar de acordo com a época. Vale ressaltar que existe uma outra versão oficial para as cartas que analisarei aqui. Na versão da peça apresentada no *New York Shakespeare Festival*, Zillah mudou-se para Berlim, na recém-unificada Alemanha; e morava no apartamento de

Agnes, quarenta anos depois. Elucidar a política de paranóia contida nas cartas de Zillah, discutindo o seu teor político, e a possibilidade de várias mutações em seu discurso conforme o contexto histórico é o que almejo com este artigo.

Para o dramaturgo, essas discussões, mesmo que desconfortáveis, são parte importante da história e, portanto, incontornáveis. Noam Chomsky, em entrevista ao *Monthly Review*, disse que os EUA esquecem que toda ação gera uma reação, e que política não pode ser feita somente focando no presente. Hoje, os EUA vivem imersos na "cultura do pavor". O governo estadunidense sempre lançou mão de subterfúgios como um possível ataque terrorista ao país – para, mais uma vez, disciplinar a população, para que ninguém (pelo menos as pessoas com menos educação formal) deixe de acreditar na política belicosa que a grande maioria de seus presidentes, pelo menos em recentes anos, traçou. Essa manipulação da população nada mais é do que uma forma de terror, uma forma de terrorismo interno, que é tão assustador quanto a ameaça que vem de fora. Entendo terror interno como uma forma macabra de manipulação da sua própria população, já altamente amedrontada e paranóica por causa de um iminente ataque terrorista, de procedência incerta. A perversidade dessa *propaganda* faz com que o estadunidense viva sobressaltado e, claro, colabore com a possível eleição de qualquer líder que ainda prometa a possibilidade de um suposto “mundo livre”. É claro que o significado de liberdade ainda é altamente discutível na política, no entanto, aos olhos de Chomsky, a ameaça comunista serviu para transformar a opinião pública a fim de melhorar o mundo através de intervenções forçadas preenchendo lacunas de poder, estabelecendo bases territoriais que impunham objetivos políticos e sociais usando a segurança como desculpa. Nos termos de A. J. Muste, leis e práticas injustas sobrevivem nos dias de hoje, porque os homens as obedecem, pois têm medo. Existem coisas que os amedrontam ainda mais do que a continuação da maldade (CHOMSKY, 1971. p. 131). A perda da esperança em uma humanidade melhor – mesmo a insistência em tentar entender o que seria uma humanidade melhor – gera uma sociedade capaz de produzir conceitos como anti-americano, e, nos termos de Chomsky, gera uma sociedade pragmática, que acredita piamente que é dever dela trazer as outras sociedades para o mesmo estado de felicidade. A possibilidade de ligar ambos os conceitos é agora possível. Ser livre é ser feliz? O inverso é também verdadeiro? O povo norte-americano é de fato livre?

A *propaganda* não é algo novo nos EUA. Afinal de contas, os pôsteres usados durante a I Guerra Mundial serviram muito para apaziguar a população enquanto seus soldados lutavam por um objetivo difuso. Mas foi realmente durante o governo de Ronald Reagan, nos anos de 1980, que a *propaganda* foi levada a um novo nível. Walter Lippman acredita que o que era considerado uma revolução na arte da democracia serviu simplesmente para fabricar consentimento, ou seja, fazer o

---

<sup>1</sup> Como Miller já o fizera em *The Crucible* (*As bruxas de Salém*), na década de 1950.

público concordar com idéias com as quais eles não querem concordar, através das novas técnicas de *propaganda*. Para o jornalista, esta técnica foi necessária, pois os interesses comuns sempre envolvem a opinião pública e esta só pode ser compreendida por uma determinada classe de “homens responsáveis”, que são inteligentes o suficiente para entender as coisas em geral (CHOMSKY, 1988. p. 30 – 37). Essa teoria afirma que somente uma pequena elite é capaz de entender os interesses comuns. Apesar de essa teoria não ser nova, mas uma concepção Leninista de que uma vanguarda de intelectuais revolucionários pode tomar o poder de Estado e liderar uma massa menos provida intelectualmente para um futuro que eles são muito estúpidos para entenderem por eles mesmos, tanto Lipmann como Chomsky consideram que o controle dessa massa é fundamental para que haja consenso na sociedade a respeito dos ideais da mesma. Como isso seria aplicado a um público que é isso mesmo? E que pertencia à camada menos educada da sociedade? Segundo Noam Chomsky em *Media Control: The Spectacular Achievements of Propaganda* (1997), os EUA foram pioneiros em uma nova indústria, a das Relações Públicas, cujo objetivo era *controlar a mente* do público tornando os interesses coletivos universais através da mídia. Para ele, a boa *propaganda* é aquela que, ao criar um slogan, o governo faz o público se tornar a favor dele imediatamente, evitando perguntas que realmente significam alguma coisa, pois, geralmente, os slogans da boa *propaganda* não tem significado algum – mas ninguém é capaz de perceber. O objetivo é sempre manter a população assustada, pois, segundo Chomsky, “... a não ser que eles estejam bem assustados por todos os tipos de demônios que podem destruí-los de dentro ou de fora ou de algum lugar qualquer, eles podem começar a pensar, o que é muito perigoso, pois eles não são competentes para pensar”. (CHOMSKY, 1997. p. 28)<sup>2</sup>

Os programas de Reagan sempre foram extremamente impopulares, no entanto, a crise da democracia criou a chamada Síndrome do Vietnam, que foi definida por Norman Podhoretz como “as inibições doentias contra o uso da força militar”.<sup>3</sup> Ainda mais, falsificar a história ajuda a manter um controle total sobre a mídia, logo, fica mais simples controlar o que circula à sua volta. E assim era o governo de Ronald Reagan, que, segundo ele próprio, lançou mão dos seus talentos de ator para ter um bom relacionamento com as massas.

---

<sup>2</sup> (...) unless they're properly scared and frightened of all kinds of devils that are going to destroy them from outside or inside or somewhere, they may start to think, which is very dangerous, because they're not competent to think.

### ***The small voice* (Carta ao Presidente)**

*... the loathing I pour into these pages is so ripe, so full-to-bursting, that it is my firm believe that anyone touching them will absorb into their hands some of the toxic energy contained therein.*

Zillah<sup>4</sup>

Zillah compara a presidência de Ronald Reagan aos eventos na Alemanha nazista. Em uma entrevista em Berkeley, Kushner declarou que a peça foi escrita durante seu último ano na universidade de Nova York e refletia o seu desespero depois da reeleição de Reagan como presidente dos EUA. Kushner, segundo ele mesmo, se concentrou na história da última fase da República Weimar, ao invés dos crimes cometidos pelo Terceiro Reich, para retirar da peça a estigma da falta total de esperança, mostrando, ao invés, um período de escolhas, quando tudo poderia ter sido diferente. Vale lembrar que a República Weimar descreve a era entre 1919 e 1933, quando o nome legal da Alemanha ainda era *Deutsches Reich* (Império Germânico). Um governo parlamentar foi estabelecido na Alemanha em 1918, após o desastre que foi a Primeira Guerra Mundial. A República Weimar era uma democracia constitucional, a primeira experiência germânica que dividia a autoridade entre o presidente eleito, um parlamento nacional, parlamentos regionais e um chanceler apontado pelo presidente para formar e controlar coalizões parlamentares. Durante a maior parte de sua existência a República Weimar foi marcada por sua inabilidade de estabelecer coalizões parlamentares, evitando o não-crescimento do fascismo. O Partido Socialista Nacional dos Trabalhadores (os nazistas) passou de obscuro a proeminente no início de 1930, se transformando no partido mais votado no *Reichstag*. Apesar de sua intensa popularidade ter decaído logo após, suas coalizões eram muito fortes e o apoio que eles recebiam dos Partidos Conservador e Católico, e da mesma forma dos militares, fizeram com que conseguissem apontar como líder Adolf Hitler ao posto de Chanceler do *Reich* alemão. No início de 1933, após o incêndio no *Reichstag*, Hitler lançou mão desse pretexto para suspender as liberdades civis, pois aproveitou esta oportunidade para responsabilizar os comunistas pelo incêndio. Ainda no mesmo ano, a ditadura nasceu na Alemanha – Hitler acabou com a Era Weimar, dando início a um dos mais horrorosos momentos da história: o regime nazista que culminou nas várias atrocidades da Segunda Guerra Mundial.

É exatamente essa ligação crítica entre a Alemanha nazista e o governo de Reagan que levou

---

<sup>3</sup> the sickly inhibitions against the use of military force.

<sup>4</sup> KUSHNER, Tony. *A bright room called day*. p. 17-18

Kushner a ser demonizado pela crítica de teatro de então. *A Bright Room* foi encenada pela primeira vez em 1985 e, segundo o próprio Kushner, sua peça foi considerada imatura justamente por causa dessa comparação que, na época, parecia extremamente arbitrária. Mas, para Kushner, “líderes como Bush e Reagan são essencialmente amorais como as pessoas que seguiram Hitler” (KUSHNER, 1994. p. XIII). As reclamações paranóicas de Zillah em face da reeleição de Reagan em 1984 servem para reafirmar o que já desconfiávamos: o medo que o próprio Kushner sentia o levou a denominar os anos de 1980 como “a época da calamidade”. No entanto, se levarmos em consideração o que é a liberdade civil e o que estava sendo feito nos dois países, conseguimos traçar um paralelo muito forte entre as duas nações. Apesar de parecer arbitrária, a comparação de Kushner entre os governos não é de toda errônea. Reagan também cerceou a liberdade de expressão a fim de controlar a economia, não surpreendentemente, com o apoio da imprensa. Não somente durante a sua campanha à reeleição em 1984, mas durante a sua presidência, Reagan lançou mão da imprensa para manipular a opinião pública – na verdade, ele era visto, nos EUA, como um símbolo nacional, alguém que veio para reunificar o país. Corroborando a idéia de Chomsky em *Necessary Illusions: Thought Control in Democratic Societies* (1989),

A rainha inaugura o Parlamento lendo o programa político, mas ninguém pergunta se ela acredita ou mesmo entende o que esta lendo. Da mesma forma, o povo parecia despreocupado com a evidência, difícil de ignorar, de que o presidente Reagan tinha somente uma vaga noção das políticas aplicadas em seu nome, ou de que quando não havia programado seu *staff* adequadamente, ele regularmente saía com afirmações tão descabidas que chegavam a ser embaraçosas, se alguém fosse levá-las em consideração. (CHOMSKY, 1989. p. 5)<sup>5</sup>

O interessante aqui é entender que não somente o público em geral precisa pertencer à “manada desinformada”, como diria Lippmann (CHOMSKY, 2002. p. 14 – 21), mas o presidente em questão também.

Assim, a peça pode ser lida com todos os tipos de maldade, principalmente aquela que leva ao medo. Na sua primeira carta, Zillah sabe que todos os seus esforços para ser ouvida serão em vão, ela sabe que suas cartas nunca chegarão à Casa Branca. No entanto, a sua necessidade de colocar no papel sua revolta é maior do que sua certeza de estar perdendo tempo. Pois, segundo ela mesma, o ódio colocado naquelas páginas é tão basal, tão a ponto de explodir que é a sua crença que qualquer pessoa que toque em suas cartas vai absorver esse ódio e sentir a energia tóxica que

---

<sup>5</sup>The Queen opens Parliament by reading a political program, but no one asks whether she believes it or even understands it. Correspondingly, the public seemed unconcerned over the evidence, difficult to suppress, that President Reagan had only the vaguest conception of the policies enacted in his name, or the fact that when not properly programmed by his staff, he regularly came out with statements so outlandish as to be an embarrassment, if one were to take them seriously.

elas contêm. E será através dessa toxidade que sua revolta será sentida e passada adiante através de apertos de mão. Ela também acredita que devem existir milhares de pessoas que, naquele exato momento, como ela, mandavam cartas cheias de veneno e, junto com ela, esperavam que todas as gotas de ódio iriam envenenar o governo norte-americano. É claro que é possível ligar a idéia de Zillah na sua primeira carta à *propaganda* que desde sempre é feita tradicionalmente pelo governo estadunidense. A idéia inicial é plantada e, através da mídia ou, aqui, mal comparando, do grande número de “hate mail”, espalha (ou envenena) o ideal de controle que foi inicialmente suscitado. Como isso pode aqui ser estabelecido? As cartas que ela manda seriam replicadas através de tantas outras cartas que ela acredita que os governantes recebem e, dentro de todas elas, estaria uma grande dose desse veneno mortal que se faz sentir através do ódio da população, que, obviamente, é a única que pode se rebelar contra qualquer injustiça causada pelo seu governo. Quanto mais se repete a mesma coisa, mais a população acreditaria naquilo – quanto mais cartas de repúdio o governo receber, mais eles iriam perceber o quanto essa população estava insatisfeita com a atitude dele.

Bom, isso funcionaria em um mundo perfeito, não no governo de um semi-ditador (embora não de forma declarada) como Ronald Reagan (e naturalmente todas as outras formas de governo que eram da mesma forma detestadas por Kushner – Margareth Thatcher e Bush pai). A alienação do povo em geral é o que enerva Zillah, é a falta de conhecimento que leva a falta de esperança: se não há compreensão não pode existir comprometimento. Iremos um pouco mais além: será que a maldade perpetrada pelos governos em geral já está tão banalizada que o povo considera que não vale a pena se rebelar? Ou simplesmente sentem medo? Mas, medo de que?

A segunda carta de Zillah é intitulada “A política da paranóia” e não é chamada assim inocentemente. Segundo ela, ainda durante o escândalo de Watergate, ela era uma pessoa normal e com um grande senso de humor. Os escândalos de então serviam para entreter os estadunidenses de uma certa classe mais esclarecida. Hoje, ela consegue enxergar verdade em toda e qualquer teoria da conspiração que é criada nos EUA. Zillah não somente perdeu todo seu senso de humor, como também se transformou em uma grande paranóica. Aqui volto ao caso da *propaganda* e como é fácil fazer as pessoas acreditarem em qualquer coisa, mesmo que não faça o menor sentido. Novamente, Zillah reitera essa idéia quando afirma que tem medo de tudo e repete que Hannah Arendt só escapou da guerra por ser mais paranóica do que seus próprios amigos – ela lia ficção detetivesca e muito da sua mania de perseguição surgiu daí. Zillah é a verdadeira paranóica, a verdadeira cidadã norte-americana que se vê cercada pela *propaganda* de um iminente ataque terrorista. Confira, sempre, os níveis de perigo e olhe para os lados em lugares públicos. Cuidado com quem está ao seu lado.

A terceira carta se chama Lições de alemão e começa com frases curtas com significados obscuros:

“Das Massengrab.” Mass grave. [túmulo das massas]  
“Die Zeit was sehr schlimm.” Times were bad. [os tempos eram ruins]  
“Millionen von Menschen waren tot.” Millions of people were dead. [milhões de pessoas estavam mortas]

O que Zillah parece não compreender é por que as pessoas tomam o Holocausto como o significado de todo o mau, será que realmente nada se compara ao nazismo? Para ela, a questão sempre se repete: o quão nazista você precisa ser para se qualificar como nazista? Ou o quanto preconceituoso você precisa ser? Voltamos à mesma questão da inocência, já levantada por Kushner anteriormente. Pré-conceito. De acordo com o *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*, preconceito é o “conceito ou a opinião formados antecipadamente sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; idéia pré-concebida”. Da mesma forma, o *Cambridge international dictionary of English*, define preconceito como “*an unfair and unresonable opinion or feeling, especially when formed without enough thought or knowledge*” [uma opinião ou sentimento injusto e sem sentido, formada especialmente sem maior ponderação ou conhecimento]. Preconceito, conclui-se, é sempre formado sem ponderação ou conhecimento independente da sua língua (cultura) de origem. Mas o que isso tem a ver com a terceira carta de Zillah? Tudo. Em primeira análise, para os estadunidenses (generalizando), se você não é WASP você está fora do padrão e, uma vez fora do padrão, você não é confiável – vide os milhares de muçulmanos que viraram automaticamente terroristas após o atentado de 11 de setembro. Mas ao afirmar que nada se compara ao holocausto é ignorar uma grande parte da história – o que é razoavelmente feito por muitos políticos norte-americanos. É interessante que a “dama de ferro” achasse Reagan corajoso, de acordo com o artigo escrito por Jim Powell a respeito da vida do ex-ator. Para ele Ronald Reagan apareceu para desafiar tudo o que a elite política da esquerda norte-americana aceitava e pretendia difundir. Esta elite acreditava que a América estava fadada ao declínio; Powell acreditava que ela estava destinada a uma grandeza ainda maior. Tal elite imaginava que cedo ou tarde haveria uma convergência entre o sistema ocidental e o sistema socialista oriental, e que algum tipo de resultado social democrático seria inevitável. Ele, em contraste, considerava o socialismo um grande fracasso que deveria ser relegado à lata de lixo da História. Eles pensavam que o problema da América eram os americanos, ainda que não gostassem de dizê-lo abertamente. Ele pensava que o problema da América era o governo americano, e deixou isso bem claro (FARAGHER, 2008. p. 985 – 951). No entanto, quem elege os seus próprios governantes? Realmente é difícil enxergar diferenças entre a Guerra Fria (para a qual

Noam Chomsky acredita que os EUA está novamente se encaminhando) e a política preconceituosa de Hitler.

É na sexta carta que Zillah compara os nomes de Hitler e o de Reagan com o número da besta – 666. Segundo ela, ambos possuem nomes que contêm seis letras: A-D-O-L-P-H , H-I-T-L-E-R e F-Ü-H-R-E-R. Da mesma forma, R-O-N-A-L-D W-I-L-S-O-N R-E-A-G-A-N são três palavras com seis letras cada, logo, 666. Para Zillah e a grande maioria dos estadunidenses, o último livro da Bíblia, Apocalipse [*Revelations*, em inglês] é um livro que trata de coisas que ainda vão acontecer e coisas que têm a ver com o futuro da humanidade. Este livro revela mais do que uma mera historia contada por alguém, mas sim o futuro que aguarda a humanidade, uma suposta reintegração da ordem natural das coisas como uma devolução da vida perfeita ao homem. Este livro trata da vitória do bem sobre o mal, e revela que Deus destruirá também os sistemas políticos humanos – sendo o homem totalmente destituído de seu poder para governar.

Levando em consideração que os EUA são realmente uma nação com alma de igreja, as idéias de Zillah não são totalmente sem lógica. Sabemos que muitas das políticas públicas estadunidenses são baseadas na forte crença que o povo tem em Deus. A idéia da acepção anglo-saxônica de religião, segundo Gilberto Dupas, é do *reliance*, ou seja, depositar confiança ou depender (DUPAS, 2009. p.8). A partir do momento que você confia, você não questiona, o que nos traz novamente à última carta de Zillah. Confiar em quem? Ou em que? A dúvida que paira em sua argumentação não é absurda se, como disse Freud, religiões são construções intelectuais que solucionam todas as questões da existência, não deixando perguntas e trazendo a segurança desse saber o que se procura alcançar e como se deve lidar com sentimentos e interesses (DUPAS, 2009. p. 6 – 9). No entanto, precisamos lembrar que Zillah se auto-intitula paranóica, e é essa paranóia que a faz questionar tudo o tempo inteiro, menos um pequeno detalhe: que os governantes mais poderosos são a reencarnação do demônio, aquele mesmo que morava nas florestas da América colonial.



## Referências Bibliográficas

- 1] BRECHT, Bertolt. Terror e miséria do Terceiro Reich. In: *Teatro Completo Vol. 5*. São Paulo: Paz e terra, 2001
- 2] CHOMSKY, Noam. *Manufacturing Consent: The Political Economy of Mass Media*. New York: Pantheon books, 1988
- 3] \_\_\_\_\_. *American Power and the New Mandarins*. Middlesex, England: Penguin Books, 1971
- 4] \_\_\_\_\_. *Manufacturing Consent: The Political Economy of Mass Media*. New York: Pantheon books, 1988
- 5] \_\_\_\_\_. *Media Control: The Spectacular Achievements of Propaganda*. New York: An open media book/Seven Stories Press, 2002
- 6] \_\_\_\_\_. *Necessary Illusions: Thought Control in Democratic Societies*. Boston: South End Press, 1989
- 7] \_\_\_\_\_. *O 11 de setembro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002
- 8] FARAGHER, Zakaria. *O mundo pós-americano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008
- 9] FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927 – 1931)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Volume XXI. Trad. do alemão e do inglês sob a direção geral de James Salomão. RJ: Imago Editora, 2006
- 10] HOLLANDA, Aurélio Buarque. *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. s/d
- 11] KUSHNER, Tony. *A Bright Room Called Day*. New York: Theatre Communications Group, 1994
- 12] SILVA, Carlos Eduardo Lins da. Gilberto Dupas, “Religião e sociedade” In: *Uma nação com alma de igreja: religiosidade e políticas públicas nos Estados Unidos*/Carlos Eduardo Lins da Silva (organizador). São Paulo: Paz e Terra, 2009